



Metanoia - Movimento Católico de Profissionais

Rua João de Freitas Branco, 12

1500-359 LISBOA

Tel. 21 722 84 09

METANOIA.MCP@GMAIL.COM

WWW.METANOIA-MCP.ORG

Encontro de Lisboa

17 de Abril de 2009

O TEMPO LIBERTA ?

Caros amigas e amigos,

Dia 17 de Abril estamos novamente convidados para um encontro do Metanoia em Lisboa. Quando nos reunimos para o preparar, lembrámo-nos do que alguém disse no nosso último encontro: “temos um segredo, que é Jesus no meio de nós”.

Ao ritmo apressado da vida na nossa cidade, sentimo-nos particularmente interrogados pela expressão de Paulo: “O tempo é breve”. É agora o tempo! Mas que tempo? “Não tenho tempo!” – exclamamos frequentemente. Qual é, afinal, a nossa vivência do tempo? São muitos os paradoxos que experimentamos, espartilhados ou inquietos com a “gestão quotidiana do tempo”, habitado também pela surpresa da dádiva e de encontros inesperados...

Ao preparar o encontro, confrontámo-nos com muitas questões:

- O tempo vivido no trabalho é frequentemente fonte de stress, na tentativa de cumprir e de conciliar vida profissional e pessoal, conforme à ideia de um trabalho digno que a todos realize. Como o vivemos e partilhamos?
- O tempo passa e não cumprimos o que planeámos. O tempo que nos aflige, culpabiliza e nos prende... Entre desejos, projectos e realizações, como desfrutamos o presente?
- Quando “tivermos” tempo é que vamos ser felizes... e, quantas vezes, ficamos perdidos quando não temos nada programado, sem saber o que fazer com o tempo. Como cultivamos a paciência do momento?
- Agora, sim, a reforma e a possibilidade de “recuperar o tempo perdido” para realizar... Afinal, tempo de “baixar os braços” ou de reconhecer os limites da acção e continuar a percorrer novos caminhos?
- Corremos e quase não descansamos, falamos em vez de ouvir, temos comportamentos que nos esgotam. O que fazemos com o tempo define-nos?

É em torno destas e outras interrogações que vos propomos o nosso encontro. E gostaríamos que ele fosse uma experiência de tempo desfrutado, na companhia e na contemplação, pela palavra e pelo silêncio, pela música e pela oração... Junto enviamos excertos de um texto mais longo mas muito sugestivo.

Pedido importante: tragam um objecto pessoal que simbolize a vossa relação com o tempo.

Contamos convosco, para jantar a partir das 20 horas, para o resto pelas 21.30h.
Até lá, abraço fraterno de

Catarina Castel-Branco, Inês Maurício, Isabel Cordovil, Paulo Fontes, Rita Quintela.

nascemos, nascemos, nascemos.

Enganam-se os que pensam que só nascemos uma vez.
Para quem quiser ver a vida está cheia de nascimentos.
Nascemos muitas vezes ao longo da infância
quando os olhos se abrem em espanto e alegria.
Nascemos nas viagens sem mapa que a juventude arrisca.
Nascemos na sementeira da vida adulta,
entre invernos e primaveras maturando
a misteriosa transformação que coloca na haste a flor
e dentro da flor o perfume do fruto.
Nascemos muitas vezes naquela idade
onde os trabalhos não cessam, mas reconciliam-se
com laços interiores e caminhos adiados.

Enganam-se os que pensam que só nascemos uma vez.
Nascemos quando nos descobrimos amados e capazes de amar.
Nascemos no entusiasmo do riso
e na noite de algumas lágrimas.
Nascemos na prece e no dom.
Nascemos no perdão e no confronto.
Nascemos em silêncio ou iluminados por uma palavra.
Nascemos na tarefa e na partilha.
Nascemos nos gestos ou para lá dos gestos.
Nascemos dentro de nós e no coração de Deus.

O que Jesus nos diz é:
"Também tu podes nascer",
pois nós nascemos, nascemos, nascemos.

José Tolentino Mendonça
Natal 2008

TEMPO E LIBERDADE

(Excertos do texto *Do tempo livre à libertação do tempo*. Lisboa: Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura. Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais, 2008. Cadernos do Sicómoro; 1)

1. Somos feitos de tempo

[...] Entre o nascimento e a morte: a historicidade não é só esse intervalo, mas a construção – que necessita de tempo – que nele é permitida fazer. Os acontecimentos do passado pessoal que, consciente ou inconscientemente, deixam raízes (memória), marcam modos de relação e organização do presente; o futuro que se projecta está já a orientar o presente que se vive (em esperança); e este, que é verdadeiramente o único tempo existente, está sempre em desaparecimento (tempus fugit – o tempo é o único inimigo que nos fere fugindo), e tanto pode ser o tempo da atenção como o tempo da dispersão.

[...] Ainda que em si experimente o desejo de eternidade, o homem é temporalidade num corpo próprio e num espaço. [...]

2. O tempo como condição de liberdade

O tempo é a condição de possibilidade para conjugar o verbo “tornar-se”. Vir-a-ser aquilo que se é. Essa é a relação que no tempo se estabelece entre verdade e liberdade. [...]

Se o homem é tempo, a expressão comum: “não tenho tempo”, significa mais profundamente: “não me tenho” ou “outro me possui”. A despossessão de si mesmo será uma das características que a vivência hodierna do tempo livre como entretenimento pode causar. Assim, se o tempo é condição de possibilidade da liberdade humana, libertar o tempo é condição necessária para a realização pessoal.

[...] pensar o que se faz do tempo é reflectir como se define o homem. [...]

Da “distracção organizada” devemos passar para uma nova organização da atenção: ao mundo dos outros, a si mesmo, ao imemorial, ao futuro que legaremos aos que virão. [...]

Recebemos o mundo e a realidade cada vez mais em abstracto. Falta o tempo para a interiorização do efeito. E esse tempo demorado, essa lentidão é fundamental para o que há de específico na formação pessoal e que está na base da cultura: a libertação da pessoa, a sua própria felicidade. [...]

6. Construindo a própria casa

[...] este tempo libertado, poderá ser um indicador para compreender que tipo de humanidade queremos construir. Formar pessoas para o tempo livre é educar para a liberdade. Dar os instrumentos que para que cada um construa a sua própria casa, e não espere uma vida pré-fabricada. Que cada um conheça as suas verdadeiras necessidades, emoções, desejos mais íntimos para poder escolher quer o seu tempo, quer a sua vida. Isso é verdadeira autonomia. [...]

10. A alegria é o gigantesco segredo do [cristão]

[...]

11. [...]

A verdadeira libertação do tempo é a que permitir o Homem.

12. Definir o tempo pela sua qualidade

“O tempo alcançou plenitude” – lê-se na proclamação inaugural de Jesus, segundo o relato de São Marcos (Mc 1,15). [...] Essa é a perspectiva do Novo Testamento, que interpreta o tempo como lugar do irromper de Deus, propício e determinante. De facto, não é o tempo quantificado que dará alma ao mundo, mas o tempo qualificado pela decisão e pela experiência da graça e do dom.”